

Autores, actores, críticos e «bons samaritanos»

Não existe um fio condutor, nem mesmo um tema central, que una os livros referenciados nesta crónica. Salvo, talvez, o facto de emergir em alguns títulos uma vontade de contestar seja os poderes instituídos, seja algumas verdades oficiais, seja ainda os dogmas considerados mais ou menos intangíveis por cenáculos que buscam a originalidade, quando não a imortalidade, para os mais vaidosos dos seus inventores do efémero.

Começemos pelos geógrafos com um volume coligido por Alison Blunt e Cheryl McEwan¹. *Postcolonial Geographies* pertence à escola do *post-colonial writing*, que está na moda entre os anglo-americanos e os seus seguidores. Da geografia à maneira antiga pouco se fala nesta compilação, que nos parece mais directamente orientada para pôr em causa mitos imperiais. São várias as contribuições interessantes. Para um leitor lusófono pensamos que «Exploding the Myth of Portugal's 'Maritime Destiny'», uma análise crítica da Expo 98 de Lisboa, proporcionará material para discussão. O autor refere a utilização, abusiva na sua opinião, da história dos Descobrimentos pelas autoridades para voltar a dar aos portugueses uma razão de exaltação do orgulho nacional. Como ninguém em Lisboa se lembrou de convidar o autor desta crónica a visitar a Expo em 1998, não podemos dizer se o referido artigo é ou não demasiado severo. No entanto, há algumas referências que nos parecem muito pertinentes, embora tivéssemos preferido não ler (p. 134) «Gil Eanes, que dobrou o cabo da Boa Esperança em 1434», ou (p. 136) a utilização do curioso adjectivo «portugense».

¹ Alison Blunt e Cheryl McEwan (coords.), *Postcolonial Geographies*, Londres, Continuum, 2002, VII-245 páginas, fotografias a preto e branco.

Outro título, bastante mais inflamado e de alcance bem mais considerável, *Négrologie. Pourquoi l'Afrique meurt*², é, provavelmente, uma das denúncias mais virulentas alguma vez publicadas em francês contra as elites no poder depois da independência e os meios internacionais que simulam dar-lhes o seu apoio para, na maior parte dos casos, melhor as explorarem. Jornalista do *Le Monde*, Stephen Smith, baseando-se numa imensa documentação, coloca-se nos antípodas dessa língua diplomática, tornada insignificante e risível à força de tanto frequentar as cores destas organizações internacionais, cuja preocupação maior não é preservar a paz ou levar auxílio aos seus próximos, mas agradar a estas tristes personagens... e continuar a receber o seu retorno, o ordenado, no final de cada mês. Ele não é «feliz como um senegalês da UNESCO» nem é «simpático». A sua África é a África das «guerras de degoladores», da crise permanente, da corrupção, do tribalismo, da explosão demográfica, da anarquia, da fuga de cérebros, da sida, dos falsos intelectuais que se pretendem vítimas da história e que a narram à sua maneira para reivindicarem sempre mais, apoiados por alguns africanistas complacentes. Tratar-se-á de um autor racista, de extrema-direita, nostálgico do colonialismo (o que seria espantoso no *Le Monde*)? Nem pensar. Trata-se sim de um autor que não suporta mais estas mascaradas semânticas e que decidiu mostrar um cartão vermelho às chagas africanas. Assim, ele critica e acusa brancos e pretos, as religiões e os modelos importados do exterior. Mesmo a África do Sul e a sua falsa aparência democrática não são poupadas às suas críticas. Não estamos perante um cínico desiludido, mas sim em face de um romântico enamorado mais rebelde que procura uma solução sem que a vislumbre a curto prazo neste apocalipse anunciado. Colhendo os seus exemplos nos países francófonos e anglófonos, Stephen Smith apenas aflora a África lusófona, mas o seu diagnóstico também se aplica a esta realidade. Temos por isso a impressão de que, não podendo esta Cassandra obter com facilidade, muito provavelmente, um visto de entrada numa boa dezena de repúblicas negro-africanas, talvez os PALOP estejam mais receptivos às palavras deste justo que grita a verdade, mesmo que doa. Mas talvez estejamos a ser demasiado otimistas.

Otimistas aqui estão, neste caso por vocação, pois o seu fim é — ou melhor, era — «converter os selvagens para levar até eles a luz». Por conseguinte, a salvação, embora, com o correr dos séculos, já não tenhamos a certeza de que todos a desejem ou a mereçam. Mas esta dúvida não se coloca aos colaboradores da revista *Le Fait missionnaire*, n.º 13³, uma vez que escolheram como tema «Religião, guerra e paz». Eles não se dirigem ao

² Stephen Smith, *Négrologie. Pourquoi l'Afrique meurt*, Paris, Calmann-Levy, 2003, 248 páginas.

³ *Le Fait missionnaire*, n.º 13, Dorigny (Suíça), Outubro de 2003, 161 páginas.

público em geral, mas a especialistas. Assim, os seus textos exigem, da parte do leitor, uma boa preparação prévia nestes domínios, de que é exemplo o interessante artigo intitulado «Les églises et la dernière guerre en Angola (1998-2002)», onde a autora frisa o papel secundário do catolicismo e dos protestantismos institucionais face à bipolarização MPLA-UNITA. Este artigo é complementado e geograficamente alargado por um outro, intitulado «Sant’Egídio, la médiation et la paix», que aborda, nomeadamente, Angola, a UNITA e o Casamança (e portanto Guiné-Bissau). E, já que estamos a falar nesta revista suíça, assinalemos ainda que ela constitui uma fonte de documentação importante para o Sul de Moçambique, uma vez que alguns dos seus colaboradores estão ligados ou são próximos da Missão Romanda (ou seja qual for a sua designação actual). Vejam-se, a este propósito, os n.ºs 9 e 10, que nos lembram e ilustram (com o apoio de fotografias) as actividades desta Missão durante cerca de 130 anos.

Outra revista que merece a atenção dos leitores que se interessam pelos PALOP é *The International Journal of African Historical Studies*⁴, de que referiremos o número especial «Colonial Encounters between Africa and Portugal», organizado pela estudiosa de temas moçambicanos Jeanne Marie Penvenne, e que inclui 124 páginas sobre temas lusófonos, tais como a educação das crianças europeias em Moçambique (1934-1974) ou o Moxico colonial. Este texto, que tem por base documentação de arquivos particulares, corrige, aparentemente, uma afirmação que proferimos sobre a veracidade duvidosa de uma tradição africana segundo a qual as tropas portuguesas teriam ultrapassado as fronteiras do Estado independente do Congo, muito para além do Cassaï. Para aclararmos esta questão e sabermos quem foram *realmente* os dois chefes desta expedição, que durou, em 1899, mais de quatro meses, seria útil publicar em português (e não numa tradução inglesa) o caderno de notas de Artur da Fonseca Cardoso, que narra, em segunda mão, esta incursão, que lhe foi contada cinco (?) anos após os acontecimentos, em 1904, por um sertanejo. Com isto, a família de Fonseca Cardoso, que possui o manuscrito, prestaria um grande serviço à historiografia, ainda obscura, do Moxico. Não podemos contentar-nos com citações. Só uma edição completa do texto permitirá avaliar a importância desta fonte inédita.

Para a Guiné-Bissau começemos de uma forma não tão ligeira quanto o sugere a qualificação de romance. *Les mangroves*⁵, de Leroux-de-Zouata, é uma ficção histórico-política publicada por um natural da Costa do Marfim, engenheiro agrónomo, amigo de um dos «heróis» da luta do PAIGC, o

⁴ *The International Journal of African Historical Studies*, vol. 36, n.º 1, 2003, Boston, African Studies Center, Boston University, vi-250 páginas.

⁵ Leroux-de-Zouata, *Les mangroves de Guiné-Bissau*, Abidjan, Nouvelles Editions Ivoiriennes, 2003, 172 páginas.

comandante (mais tarde coronel) Paulo Correia, de origem balanta, acusado pelo ex-presidente Nino Vieira de ter fomentado um projecto de golpe de Estado. Verdade ou mentira? O que é verdade é que o ministro Paulo Correia foi executado em 1986. O romance é, assim, um *in memoriam*, em honra de um amigo íntimo, que caiu «nas malhas da mangrove política» de um país estrangeiro. O que é, antes de mais, raro na literatura africana francófona. Dito isto, já não é necessário procurar uma grande fidelidade à verdade neste relato. Como agrónomo que é, o autor, por certo anticolonialista, teria certamente podido evitar mencionar as «minas de ouro e de diamantes» da Guiné portuguesa, um bombardeamento de Bafatá (p. 41), Bissau em ruínas (p. 44), um coronel português prisioneiro do PAIGC, etc. Ele adoptou uma das versões do assassinato de Amílcar Cabral, na sua opinião por ordem de Sekou Touré, versão provavelmente ouvida a Paulo Correia. O fim do livro termina com o processo falsificado e a execução, bem autêntica, do «herói». Será que isto lembra alguma coisa aos leitores? E certamente não apenas aos lusófonos!

Debrucemo-nos agora sobre o sábio e, em seguida, o sapientíssimo. *Fighting the Slave Trade*⁶ contém uma comunicação, «Strategies of the decentralized: defending communities from slave raiders in coastal Guinea-Bissau, 1450-1815», que teria agradado a Paulo Correia, já que o historiador americano descreve os métodos e as estratégias utilizados pelos balantas para se protegerem das incursões escravagistas e negreiras. Aprendemos muitas coisas úteis neste capítulo e no resto do livro, que constitui uma reabilitação da resistência pré-colonial, nomeadamente detalhes sobre o tráfico português transatlântico ao longo de vários séculos, do Senegal à Nigéria e no interior do continente.

Tratemos agora de um *magnum opus* que teria agradado muito ao almirante Teixeira da Mota. *Eurafricans in Western Africa*⁷ é uma súpula que tem apenas um defeito. Acaba demasiado cedo! No entanto, sintetiza magistralmente o que podemos encontrar disperso em centenas de tratados e artigos de difícil acesso, ou impossíveis de encontrar entre os lusófonos e em particular na Guiné-Bissau, que está, apesar disto, no centro deste estudo. A simples enumeração bibliográfica, que ocupa as pp. 320 a 342, não chega a referir-se verdadeiramente ao século XIX. Qual é então o objecto de interesse de Georges E. Brooks? Essencialmente, a origem e o papel dos mestiços luso-africanos, depois franco e anglo-africanos, no comércio, na cultura e na

⁶ Sylviane A. Diouf (coord.), *Fighting the Slave Trade. West African Strategies*, Athens (Ohio 45701), Ohio University Press, 2003, xxvii-242 páginas.

⁷ George E. Brooks, *Eurafricans in Western Africa. Commerce, Social Status, Gender, and Religious Observance from the Sixteenth to the Eighteenth Century*, Athens (Ohio 45701), Ohio University Press, 2003, xxiii-355 páginas.

religião de uma zona costeira que, *grosso modo*, se estende de Gorée à fronteira norte da actual Libéria, e isto até cerca de 1790. O que quer dizer que estamos perante uma história social e económica pontuada por alguns incidentes diplomáticos e militares, onde as mulheres africanas tiveram um papel significativo, pois os progenitores masculinos que nela participaram não chegaram a velhos nesta costa pestilenta. A ecologia — tema caro ao autor — ocupa um local privilegiado, bem como o arquipélago de Cabo Verde, matriz ou tutora de numerosos aventureiros. O tráfico negreiro é, evidentemente, o motor de ligação desta cadeia de microestabelecimentos informais, de estatuto político instável, deficitários em construções suficientemente sólidas ou permanentes para imporem uma hegemonia metropolitana durante um longo período de tempo. De estilo relativamente fácil de ler, na narrativa intervém uma miríade de personagens que a tornam mais ligeira. Falta uma cronologia e um mapa detalhado recapitulativos, pois a história destas proto-colónias microscópicas é complicada e as suas implantações movediças.

Relativamente a Angola, debrucemo-nos directamente sobre o insólito *Swartbooisdrif — 75 Jaar*⁸, que nos chega da Namíbia e que trata de uma parte da história do Sul de Angola: a dos emigrados *afrikaners* que deixaram a África do Sul entre 1874 e 1903 para se instalarem progressivamente, e razoavelmente bem, na Huíla e, posteriormente, no Centro de Angola. Sabemos que, repatriadas para o Sudoeste africano em 1928-1929, cerca de 350 famílias aí vão proliferar, longe do quase-paraíso em que, nas suas memórias, se tornou a Angola da infância dos mais velhos. O texto tem uma utilidade inegável, no sentido em que retoma o essencial da história da chegada ao Norte — com mapas que mostram a fixação das fazendas em Angola — e da partida (em camiões) na direcção do Sul deste braço da diáspora. As fotografias são explícitas. O Cunene, atravessado em carros de bois transportando camiões, é quase uma imagem da travessia do mar Vermelho por Moisés em direcção à Terra Prometida. E, já que estamos no domínio das imagens bíblicas, refiramos dois livros de inspiração religiosa.

*Missão em tempo de guerra*⁹ foi redigido por um jesuíta, inicialmente capelão militar das tropas portuguesas na Índia e depois — numa situação mais delicada — em Negage (Uíge) nos inícios (1961-1963) da revolta da UPA no Noroeste angolano. Deixando o exército português, este missionário de choque lança-se então no que na altura era designado por acção psico-social, ao fundar um movimento de evangelização e ajuda às populações africanas «recuperadas»: AFRIS, uma espécie de ONG católica, cuja ori-

⁸ Jurie Viljoen, *Swartbooisdrif — 75 Jaar*, Windhoek, sem indicação de editor, 2003 (?), 96 páginas, fotografias a preto e branco.

⁹ Manuel Pires da Silva, *Missão em tempo de guerra. O movimento «AFRIS». A obra dos missionários leigos do Padre Manuel Pires da Silva, S. J.*, Terras de Bouro, Câmara Municipal, 1998, 296 páginas, fotografias a preto e branco.

ginalidade passava por ser, essencialmente, constituída por mulheres laicas, voluntárias e todas portuguesas. Elas trabalharam nas aldeias entre 1963 e 1975. Os artigos deste autor, publicados na revista *Magnificat* e aqui reagrupados num único volume, têm, por isso, um duplo interesse. Enquanto capelão, o autor narra a vida dos soldados, o ambiente patriótico entre os colonos e a sua acção em prol das populações africanas. Trata-se de uma espécie de correspondente de guerra, de 50-53 anos, fortemente empenhado na propaganda colonial heróico-castrense da época. Ele não é rigoroso na cronologia, mas escreve longe da sua base: Mucaba, Bungo, etc., no Uíge. Como civil, o autor orienta-se mais nitidamente em direcção aos aspectos sociais e mesmo políticos. Seja o que for que pensemos da ideologia do autor, falecido em 1989, a sua narrativa permanece como um testemunho curioso sobre uma obra caritativa esquecida nos nossos dias numa Angola oficial pós-colonial que abandonou os habitantes dos campos, sobretudo os de etnia bakongo, isto é, «suspeitos».

*L'Africa che non si appartiene*¹⁰ é uma obra de um jovem angolano católico, do Centro de Angola (Hanha), talvez estudante de Teologia e, em seguida, de Ciências Políticas em Itália. Também ele apela à necessidade de mudanças profundas na sociedade angolana, inspirando-se fortemente nas correntes de pensamento que atravessam os meios intelectuais africanos próximos da Igreja. Trata-se mais de reflexões do que de acusações pormenorizadas. Outro olhar inesperado sobre Angola chega-nos através das cartas¹¹ enviadas entre 1985 e 1987 por um casal da Alemanha de Leste à família. A autora é a mulher de um técnico metalúrgico cooperante enviado pela ex-República Democrática Alemã para ajudar o MPLA. Em virtude da natureza do regime político, uma certa autocensura deixou, provavelmente, de fora destas cartas todas as considerações políticas perigosas para o futuro destes dois emigrantes. Assim, eles falam da sua vida quotidiana, das dificuldades de aprovisionamento, das relações com os outros cooperantes (nomeadamente cubanos) e com alguns funcionários locais, etc. Para cidadãos de um país que os vigiava de modo «pidesco», os dois anos passados sob os trópicos de um partido irmão constituíram uma espécie de férias grandes prolongadas, numa miséria colorida. A autora guarda boas memórias de Luanda.

Duas palavras para falarmos de uma Angola distante da capital. *L'Ancêtre noire*¹², de Albert Russo, é um romance original sobre os problemas psicológicos de uma filha de colonos belgas que descobre que teve uma bisavó

¹⁰ Paulino Lukamba, *L'Africa che non si appartiene*, Milão, Editrice Nuovi Autore, 2002, 62 páginas.

¹¹ Marion Ronge, *Nach Süden, Nach Süden... Briefe aus Angola*, Leipzig, VHEVG, 2004, 432 páginas.

¹² Albert Russo, *L'Ancêtre noire*, Paris, Editions Hors Commerce, 2003, 215 páginas.

escrava na Luisiana. Nesta ficção surgem alguns portugueses do Catanga e um mestiço, nascido em Teixeira de Sousa, que evoca fugazmente a sua infância em Angola. Ainda mais periférico é *Niamana*¹³, uma narrativa dirigida aos mais novos que se desenrola na região do alto Zambeze. Não sabemos se a autora conhece a região, mas isso também não tem qualquer importância para as crianças de 6 ou 7 anos de idade que não sabem que existiu uma guerra e quem foi Savimbi. Talvez daqui a vinte anos elas queiram visitar o local para verem se os «esquilos que falam» não saltaram sobre as minas que ainda não tivermos detectado.

Voltamos a encontrar as minas em Moçambique. As minas e a sida, mostradas aos adolescentes pelo romancista e homem do teatro sueco radicado em Maputo, o célebre Henning Mankell. Este autor já provou ter um conhecimento profundo da sociedade urbana moçambicana, mas em *Le mystère du feu*¹⁴ trata da vida dos camponeses no mato do Sul de Moçambique, que ele coloca em cena através de uma jovem de pernas amputadas. Esta corajosa vítima das minas manifesta-se contra a injustiça, em primeiro lugar, pela agonia da sua irmã contaminada pela sida e, em segundo, pela espoliação fundiária dos rurais pelos novos-ricos vindos de Maputo. Um livro que vai mais longe do que aquilo que, habitualmente, nos é oferecido nos livros dedicados à juventude.

Inteira dedicada à sida, a Comunidade de Santo Egídio, capitalizando o seu envolvimento bem sucedido no fim da guerra civil (1992), lança-se agora num empreendimento ainda de maior envergadura: combater a epidemia que assola Moçambique. Ela está bem consciente da importância da comunicação social na valorização do seu papel humanitário. Neste domínio, poucas ONGs ou instituições religiosas podem rivalizar com o trabalho desta Comunidade. A obra *Mozambico. Il futuro è possibile*¹⁵ é, antes de mais, um álbum fotográfico bilingue (italiano e inglês) que nos lembra que numa década a esperança de vida à nascença diminuiu dez anos e que todos os dias são diagnosticados seiscentos novos casos de sida em Moçambique. As fotografias de Francesco Zizola e de Massimo Mastroiello revelam-nos uma galeria de doentes e de órfãos que a Comunidade de Santo Egídio acolheu, no quadro do projecto DREAM, que ela ergueu com o apoio das autoridades locais.

O conteúdo do programa DREAM (Drug Resource Enhancement against Aids and Malnutrition), em Moçambique, é-nos explicado através de um

¹³ Marie-Claude Gerouit-Bugler, *Niamana et le petit panier de la divination, Angola*, Paris, L'Harmattan, 2003, 79 páginas.

¹⁴ Henning Mankell, *Le mystère du feu*, Paris, Flammarion, 2003, 269 páginas.

¹⁵ Mario Marazziti, *Mozambico. Il futuro è possibile*, Milão, Leonardo International, 2.^a ed., 2004, 93 páginas, fotografias a preto e branco.

texto técnico¹⁶ sobre as terapias triplas anti-retrovirais a introduzir nos sistemas sanitários subdesenvolvidos e sobre os métodos a utilizar para reforçar os organismos debilitados pela doença: em suma, como e com o que devem ser tratados e nutridos os pacientes e os seus filhos. Tudo isto é muito bonito, mas devemos interrogar-nos sobre a relativa ineficácia das campanhas de prevenção. Todos esses mineiros infectados que chegam da África do Sul, os camionistas que espalham o vírus com o seu sémen de norte a sul, as prostitutas que os contaminam, consciente ou inconscientemente, não foram avisados? Ou eles querem passar adiante e confiar na sorte? Quando sabemos com que obstinação criminosa as autoridades supremas de Pretória tardaram a lutar contra a epidemia, negando-a mesmo durante tanto tempo, não podemos deixar de recordar as páginas indignadas de Stephen Smith. Não é um diploma, um fato completo ou um *Rolls Royce* blindado que fazem um verdadeiro homem de Estado. Pelo menos, podemos dizer que Moçambique compreendeu o problema. Mas, num oceano de miséria e de ignorância, o prognóstico demográfico é sombrio para a África austral.

Não deixaremos a Itália e a África sem antes apresentarmos um livro cujo tema nos parece tanto mais louvável quanto a sua escolha foi feita por professores de literatura italiana numa universidade normanda. A corporação dos professores de línguas estrangeiras não é conhecida, pelo menos em França, pela sua audácia científica fora do âmbito da sua disciplina. Por isso, devemos ficar contentes por sabermos que *L'Afrique coloniale et postcoloniale dans la culture, la littérature et la société italiennes*¹⁷ contém capítulos sobre a cartografia da África italiana, a imagem dos africanos nos relatos de viagens do século XIX, o colonialismo nos livros infantis, os livros sobre a guerra colonial durante o fascismo, os repatriados italianos, os emigrantes negros em Itália, etc. Estudos aos quais se juntam, evidentemente, trabalhos mais tradicionais sobre temas puramente literários. Bilingue, esta compilação deveria servir de exemplo aos professores de português no estrangeiro a fim de não deixarem para os raríssimos historiadores, politólogos, etnólogos e sociólogos estrangeiros que se interessam pelos PALOP todo o trabalho de investigação. Quando conhecemos a indiferença das bibliotecas dos institutos de português, dos seus professores e dos seus estudantes — salvo raríssimas exceções — por todas as publicações relativas ao «antigo ultramar», é a uma revolução cultural e sobretudo mental que aspi-

¹⁶ Comunidade de Santo Egidio — DREAM, *Soigner le Sida en Afrique. Un modèle pour l'introduction des trithérapies antirétrovirales contre l'infection par le VIH dans les systèmes de santé des pays à faible revenu*, Milão, Leonardo International, 2004, 111 páginas, fotografias a cores.

¹⁷ Mariella Colin e Enzo Rosario Laforgia (coords.), *L'Afrique coloniale et postcoloniale dans la culture, la littérature et la société italiennes. Représentations et témoignages*, Caen, Presses Universitaires de Caen, 2003, 260 páginas, fotografias a preto e branco e a cores.

ramos para sensibilizarmos essas cidadelas da poesia e da ficção. Quanto à vocação ou ao trabalho africanista dos institutos espanhóis espalhados pelo mundo, o melhor é não dizermos nada para não termos de chorar.

Finalmente, fechemos o círculo pós-colonial lusófono com o testemunho apaixonante da mulher de Xanana Gusmão sobre a sua acção, como activista, na divulgação, na luta e na vitória da FRETILIN. Acção essa que foi consagrada com a sua ascensão a «First Lady» de Timor Leste. «First Lady», apesar de australiana — o que nos tempos que correm tem uma grande importância em Timor —, com uma formação literária bastante singular: indonésia e... italiana. A sua narrativa¹⁸ lê-se como um romance: militante, tradutora em Jacarta, falsa turista em Timor sob o domínio indonésio, apaixonou-se por Gusmão durante a estada deste na prisão, casou com o seu herói em 2000, organizou as recepções para o Gotha internacional (incluindo o presidente português), que assistiu à proclamação da independência (em Maio de 2002) de Timor em Dili. Trata-se de um percurso a que nada falta para emocionar as leitoras de revistas femininas. Ainda por cima, ela é bonita e mãe de dois filhos: a realização do ideal para dezenas (centenas?) de mulheres anglófonas que trabalharam na sombra de 1975 a 1999-2000 para darem a conhecer ao mundo a causa da FRETILIN. Percurso que podemos acompanhar ao longo das páginas deste livro e nas quais os historiadores poderão encontrar igualmente, sob o romance, numerosos aspectos curiosos, mesmo inéditos, sobre o modo como funcionavam as suas redes de apoio no mundo, que nos fascinam pelas suas ramificações internacionais. Foram elas que, durante quase uma geração, desfraldaram incansavelmente a bandeira desta causa face a uma opinião pública que não sabia sequer que Timor ainda existia. Muitos parabéns, Sr.^a Kirsty Sword Gusmão!

Redigido em Julho de 2004.

Tradução de Carla Araújo

¹⁸ Kirsty Sword Gusmão e Rowena Lennox, *A Woman of Independence*, Sydney, Pan Macmillan Australia Pty Ltd, 2003, XIII-320 páginas, fotografias a cores.